

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Maria Rosa Sancho Moreira Máximo¹

Resumo: O estudo trata dos textos *Educação – para quê?*, *Educação contra a barbárie* e *Educação e emancipação*, em que se trava uma discussão entre Adorno e Becker, a partir das concepções de educação do primeiro. Adorno fala da importância de uma educação transformadora, que conscientize os sujeitos e lhes dê condições de auto-reflexão crítica, com o objetivo de evitar o retorno de atitudes destrutivas do fascismo / nazismo. No confronto de idéias Adorno-Becker, ficam evidentes a posição hegeliana de Adorno e a Marxista de Becker. Adorno defende uma educação voltada para a conscientização e posterior emancipação do sujeito, e isto se daria pela reflexão que conduz à transformação. Para ele, a auto-realização acontece de forma dinâmica, dialética e interna. Becker acrescenta uma série de possibilidades de efetivar o ideal de educação posto por Adorno, em termos de práticas educacionais. Para Becker, o ensino formal é essencial para diminuir as diferenças sociais tão evidentes no início da educação sistematizada.

Educação após Auschwitz

SÍNTESE da palestra na Rádio de Hessen, transmitida em 18 de abril de 1965 e publicada em *Zum Bildungsbegriff der Gegenwart*, Frankfurt, 1967 e T. W. Adorno *Stichworte* (Motes), ed. Suhrkamp, 1969.

Adorno inicia fazendo uma reflexão em torno das monstruosas exigências e questões levantadas por Auschwitz: "Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão" (p. 119). A pouca consciência existente em relação a essas exigências possibilitará o retorno a repetição de Auschwitz. Para Adorno, a conscientização em torno desse elemento desesperador se torna cada vez mais necessária, já que a estrutura

1. Mestranda em Educação; Universidade do Contestado, SC.

básica da sociedade e de seus membros, responsáveis por chegarmos onde estamos, não mudaram desde da II Grande Guerra.

Sua análise parte da necessidade de buscar as raízes nos perseguidores que matam milhares de pessoas em grandes guerras mundiais, em explosões atômicas, em grande genocídios, etc. caracterizando o que denominou "inflexão em direção ao sujeito". Neste sentido, estamos frente à necessidade de conhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometerem tais atos. Numa perspectiva transformadora, revelar-se-iam tais mecanismos aos mesmos sujeitos buscando criar uma consciência e procurando impedir que se tornassem novamente capazes de tais atos.

Nesse contexto é que entra a educação, como única maneira de criar condições para uma auto-reflexão crítica, evitando que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. Adorno se apoia na psicologia, no sentido de que todo o caráter se forma na infância, valendo também para aqueles que mais tarde praticam crimes. Assim, a educação teria de se concentrar na primeira infância.

Numa referência a Freud, Adorno coloca a questão do mal-estar na cultura, cujo lado social é a sensação que as pessoas têm de estar enclausuradas numa situação cada vez mais socializada, como uma *rede densamente interconectada*. A vontade de escapar e a impossibilidade de sair cria uma raiva crescente contra a civilização, aumentando a violência e a irracionalidade. Numa perspectiva sociológica, Adorno acrescenta que, ao mesmo tempo que a sociedade se integra, ela gera tendências de desagregação. Isso se constata numa pressão geral de quem domina sobre tudo o que é particular, causando uma perda da identidade e do potencial de resistência, levando novamente ao crime. Isso se faz em nome de qualquer ideal, com ou sem credibilidade.

Adorno, quando fala da educação após Auschwitz, refere-se primeiro à educação infantil, e ao esclarecimento geral produtor de um clima intelectual, social e cultural que provocam a conscientização, a fim de que não se repitam atitudes destrutivas reveladas pelo fascismo/nazismo. Afirma que o retorno ou não retorno do fascismo é fruto de uma questão social e não psicológica, porque escapa à ação da educação.

O princípio de Auschwitz opunha-se a autonomia, a autodeterminação, ao poder para reflexão, a não-participação. Adorno faz referência ao conceito de *vínculos de compromisso*. Muitas pessoas atribuem à ausência de compromissos a responsabilidade pelos acontecimentos como os de Auschwitz. A crítica que o autor faz em relação a esta afirmação é a de que os chamados compromissos significam um tornar-se dependentes de mandamentos e de normas, não assumidas pela razão própria do indivíduo. O superego, a consciência moral, é substituído pelos compromissos com autoridades exteriores. Ou seja, na medida em que assume falsos compromissos, na verdade, curva-se sobre líderes e autoridades sem compromisso.

Outra importante condição do horror de Auschwitz foi a nítida diferença cultural entre aqueles criados na cidade e os formados no campo. Deixando de lado qualquer julgamento de valor, existia, no entanto, uma defasagem cultural e uma barbarização no campo. A desbarbarização da vida rural constituía-se num importante objetivo educacional, principalmente porque os meios de comunicação de massa que chegavam ao campo, agiam sobre um estado de consciência que não havia atingido o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX, causando impactos significativos. Adorno propõe, nesse

sentido, o redirecionamento da transmissão de televisão. Além disso, grupos e colunas educacionais móveis que, dirigidas ao campo, preencheriam as lacunas deixadas pelos meios de comunicação por meio de discussões, cursos e ensino suplementar.

No entanto, tendências de regressão e inclinações pela violência são produzidas socialmente em todas as partes, inclusive nas cidades. Nas situações em que a consciência é "mutilada", ou seja, manipulada pelos "coletivos", criam-se condições muito propícias à violência. A identificação "cega" pelo coletivo ligado às velhas estruturas vinculadas à autoridade, caracterizam a mundo gerado por Auschwitz.

Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização (p. 127).

Adorno lembra das primeiras experiências de cada um nas escolas, para pensar o sofrimento produzido pelos coletivos no momento da filiação a eles: os ritos de iniciação, trotes de qualquer espécie, e outros costumes arraigados desse tipo, representam precursores imediatos da violência. Segundo ele, isso seria um campo de estudos, atual, para a ciência, a fim de refrear essa tendência da etnologia encampada pelos nazistas.

Falando sobre a severidade da educação tradicional, reporta-se à figura do terrível Boger, que, durante um processo sobre Auschwitz, num de seus acessos, elogiou a educação baseada na força e voltada à disciplina. Essa educação para Adorno é totalmente equivocada, pois, como mostrou a psicologia, idéia de virilidade, de "ser duro", de suportar dor, é masoquismo, o que se identifica com sadismo. Para ele, quem é severo consigo pode se considerar no direito de ser severo com os outros. É fundamental que a educação leve a sério o que já é fundamental na filosofia: *que o medo não deve ser reprimido*, pois quanto mais reprimido e inconsciente, maior será.

Adorno utiliza o termo "caráter manipulador", ou fúria organizativa, ausência de emoções, realismo exagerado, próprio dos líderes nazistas, caracterizando uma forma de agir sobre àqueles que se enquadram cegamente em coletivos, como se fossem um massa amorfa. A isso, ele denomina uma *realpolitik*, e que hoje pode ser constatado em numerosos casos como delinqüentes juvenis, líderes de quadrilha e tipos semelhantes, diariamente vistos nos noticiários. Ao tipo de caráter manipulador, Adorno também denomina de *consciência coisificada*. Citando Valéry, fala do grande futuro da desumanidade, pois as pessoas manipuladoras, revelam traços de incomunicabilidade, o que as identifica com certos doentes mentais, de personalidades psicóticas.

Para Adorno, trabalhar no sentido da não repetição do caráter manipulador que aconteceu em Auschwitz é fundamental, utilizando para tanto, todos os métodos científicos disponíveis, em especial a psicanálise, a fim de descobrir como essas pessoas se tornam assim, fazendo com que elas, pelo menos, dêem essa contribuição na investigação de sua gênese. Seria importante só o mero questionamento de como ficou assim, pois já encerraria um potencial esclarecedor. Se este estado de consciência ou de inconsciência daninhos é resultado de uma formação, ou decorrente da natureza, portanto, é imutável?

Sobre consciência coisificada, Adorno faz a relação com a técnica, mostrando sua ambigüidade, pois assim como tem seu aspecto positivo devido à posição decisiva que a tecnologia ocupa hoje, existe a inclinação do homem a considerar a técnica, não de forma racional, mas como sendo algo em si mesma, uma força própria, e não a

extensão do braço dos homens. A fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos pode conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, pois essa fetichização demonstra a incapacidade de amar outras pessoas, somente existindo a capacidade de amar as máquinas, os meios. Adorno para explicar melhor isso, reporta-se a Berkeley, fazendo referência ao repertório do sujeito experimental de consciência coisificada, o qual afirma de si mesmo: "I like nice equipment". Isso, segundo Adorno, é perturbador, pois encontra-se vinculado ao conjunto da civilização e torna obscuro uma educação contra Auschwitz.

Afirma que a frieza faz parte da constituição humana, por isso é traço básico da antropologia, o que tornou possível Auschwitz: "hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar". (p.134) Em Auschwitz, a condição psicológica existente era a incapacidade para identificação, fazendo com que o interesse prático, a "participação oportunista", fosse a lei geral do existente: não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar.

"Não quero pregar o amor", continua Adorno, pois é pregação vã e pressupõe outra estrutura de caráter, diferente daquela que se pretende transformar. Para isso, faz referência ao cristianismo, que, tentando apagar a frieza, não conseguiu mexer com a ordem social. Para Adorno, agrada pensar que a chance contra a frieza é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças. Mas adverte: "crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas".(p.135). O amor é algo direto e contraditório com relações que, em sua essência, são intermediadas. O incentivo ao amor seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada.

Para terminar, Adorno ressalta a possibilidade de conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, sem os quais Auschwitz dificilmente aconteceria. Há os que insistem que o acontecido não foi tão grave, defendendo, portanto, o que ocorreu. Daí a importância daquilo que ensina o conhecimento da psicologia, fortalecendo na pré-consciência instâncias de resistência. Outro mecanismo é o nacionalismo, principalmente nesta era de comunicações internacionais e de blocos supranacionais, pois a convicção já não é a mesma. Os chamados movimentos de renovação nacional são, ao que tudo indica, particularmente sujeitos a práticas sádicas.

"O centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita", finaliza Adorno. Só será possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento, quando não houver receio de contrariar qualquer potência, a sociologia puder mostrar o jogo de forças existente por trás da superfície das formas políticas e quando for tratado de forma crítica um conceito tão respeitável como o da razão de Estado.

Educação – para quê?

A seguir, apresenta-se a síntese do debate entre Adorno e Becker, na Rádio de Hessen, transmitido em 26 de setembro de 1966 e publicado em *Neue Sammlung*, em janeiro/fevereiro de 1967. O debate se deu em torno da questão *Educação – Para Quê?*, colocando em discussão os fins da educação e para onde ela deve conduzir.

Dando início ao debate, Becker refere-se ao que aconteceu na Alemanha, ressaltando o risco de um planejamento educacional ser, sobretudo, quantitativo, não levando em conta a importância do conteúdo, da qualidade. Para ele, se faz urgente incluir na discussão a questão do *o que é* e a questão do *para que é* a educação, sem excluir considerações quantitativas.

Adorno concorda e acrescenta, fazendo referência a Hegel, que os conceitos de educação e formação eram substanciais, ou seja, compreensíveis por si mesmos. Atualmente tornaram-se problemáticos nesses termos, pois a indagação *para quem* não é mais compreensível por si mesma, exigindo reflexões complexas. No entanto, Becker acredita que a situação em que os objetivos educacionais tenham validade evidente não é necessariamente a melhor. Esta é uma situação de inocência, que está definitivamente perdida e sua restauração exigiria a evocação de modelos ideais. Mencionando Georg Picht, coloca que a educação não pode ser mais voltada a determinados modelos ideais e, sim, deve declarar acerca do comportamento do mundo.

Fazendo a crítica ao conceito de modelo ideal (Leitbilder), Adorno resalta neste conceito o da *heteronomia*, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Levanta, então, a seguinte questão: "de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros?" Isto entra em contradição com a idéia de um homem autônomo, emancipado, pois, segundo Kant, o homem tem de se libertar de sua auto-inculpável menoridade. Ele retoma sua concepção inicial de *educação*, como a *produção de uma consciência verdadeira*. Para ele, educação não é modelagem de pessoas, nem transmissão de conhecimentos, é emancipação, ou seja, "uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado." (p.142) A defesa de ideais contrários à emancipação de cada pessoa em particular, torna-se antidemocrática, coletivista-reacionário.

Neste sentido, Becker está de acordo com Adorno, ratificando que a educação é agente de emancipação, mas não pode converter o homem em um ideal orientador. Apresenta para isto um argumento, que, segundo ele, é o de muitos professores: "a juventude não deseja uma consciência crítica, ela quer modelos ideais" (p.142). Comprova o que diz fazendo referência ao período da adolescência, quando os modelos ideais encontram-se ameaçados. A prática educacional no que diz respeito ao princípio do esclarecimento da consciência, deveria levar em conta esta idade. Portanto, paralelo à mania por modelos ideais deve ocorrer uma demanda de esclarecimento.

Para Adorno, a idéia de emancipação é abstrata e dialética, pois precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional. Justifica sua argumentação afirmando que a organização do mundo é a sua própria ideologia dominante, exercendo pressão muito grande sobre as pessoas e superando toda a educação: "seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente" (p. 143).

Para Adorno, existem diferenças sutis entre ele e Becker sobre adaptação. Acredita que emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Realidade se comprova na realidade e esta envolve adaptação. A educação seria impotente e ideológica se não levasse em conta a adaptação e não preparasse os homens para se

orientarem no mundo. Porém, ela não pode ficar nisto, deve ir além, pois no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade existe ambigüidade.

Becker não descarta a relação dialética, e considera evidente a necessidade de adaptações para a orientação no mundo. No entanto, ressalta que esta adaptação não pode gerar perda da individualidade e das qualidades pessoais. Referindo-se a Schelsky, afirma que é dever do pedagogo reunir na educação princípios individualistas e sociais, adaptação e resistência. Confirmando a existência da dialética na educação, Becker esclarece: "só podemos viver a democracia quando nos damos conta igualmente de seus defeitos e de sua vantagens" (p.144).

Para Adorno, "a importância da educação em relação à realidade muda historicamente" (p.144). A realidade se tornou tão poderosa fazendo com que o processo de adaptação se imponha de forma dolorida, gerando um pseudo-realismo, levando o indivíduo a uma identificação com o agressor. Nesse sentido o papel da escola deveria ser o de fortalecer a resistência e não a adaptação, através da conscientização crítica da realidade, desde a primeira infância.

Com relação à primeira infância, Becker ressalta a questão da igualdade das oportunidades educacionais. As diferenças sociais preponderam no início da vida, o que se evidencia na própria língua, se constituindo numa barreira para a escolarização obrigatória. Ele levanta a hipótese da necessidade de uma educação formal a partir de 3 – 5 anos de idade, como medida de igualdade de condições iniciais de escolarização. Para intermediar uma consciência da realidade, indispensável para a superação da alienação, se faz necessário vincular esta à relação entre teoria e prática, o que deve acontecer desde a primeira infância. Isto é possível através de uma metodologia adequada, como nos EUA, que com a "preschool-education" inventou vários métodos nesse campo.

Adorno chama a atenção para um ponto que considera nevrálgico, discordando de Becker. Se as experiências vividas na primeira infância fossem adquiridas mediante um processo formal e ordenado, certamente não teriam a profundidade da mesma experiência vivenciada num processo informal, em âmbito familiar. Reforça a importância da psicologia e da educação voltada para a emancipação e se opõe à inflação instalada em relação ao conceito de alienação, baseado fundamentalmente na estrutura social. Coloca que um dos mais graves problemas enfrentados atualmente é a inaptidão dos homens à experiência, devido às camadas estereotipadas interpostas entre eles e àquilo a ser experimentado.

Então, "a ausência da experiência não estaria diretamente ligada ao excesso de historicização de nossa educação, responsável pelo abandono da experiência imediata da realidade contemporânea?", questiona Becker. Ele pensa que a questão da inaptidão à experiência está imediatamente vinculada à relação problemática entre teoria e prática.

Para Adorno, esta não é uma questão vinculada ao historicismo, mas, sim, mundial. Neste sentido, a questão gira em torno dos motivos desta inaptidão e o que poderia ser feito para reanimação da aptidão à realizar experiências. A inaptidão à experiência estaria ligada à esfera da consciência. Acredita que existe, em um grande número de pessoas, aversão à educação, no sentido de se desvencilharem da consciência que só dificulta a sua orientação. Conforme o que já havia dito antes, a realidade

é tão poderosa e repressora que as pessoas passam a não aceitar aquilo que não é moldado, por se sentirem excluídas, e isto dificultaria sua orientação existencial. A restauração da aptidão à experiência, consiste em dissolver os mecanismos de repressão, possibilitando a conscientização. Necessita-se portanto, de esclarecimento e, igualmente, de modelos ideais.

Acrescentando, Becker coloca que a aptidão à experiência constitui um pressuposto para um nível qualificado de reflexão. O trabalhador, principalmente na sua formação profissional, necessitará da aptidão à experiência e de um nível elevado de reflexão para preservar-se em situações de transformação e suportar a “pressão do mundo administrado”. Todo o conjunto da estrutura educacional, desde a “preschool-education”, é responsável por desenvolver a aptidão à experiência e a reflexão.

Para Adorno, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. A consciência não está vinculada, somente, à capacidade formal de pensar. Ela está caracterizada pelo pensar em relação à realidade, ao conteúdo, às formas e estruturas de pensamento do sujeito. Nesse sentido, a consciência, *o pensar*, corresponde à capacidade de fazer experiências intelectuais.

Concordando com Becker, quando este coloca que a educação para a experiência é idêntica à educação para a imaginação, Adorno contribui dizendo que todas as iniciativas das reformas educacionais realistas (exemplo de Montessori) deixavam de lado a imaginação conduzindo a um certo emburrecimento ao qual faz-se necessário se opor. O exemplo de Montessori, para Becker, deixou claro a desvinculação da teoria com a prática. Neste caso, a tradução da teoria para a prática não foi tão direta como se espera, em termos sistemáticos.

Adorno constata que a discussão tomou o rumo da generalidade, referindo-se a um plano subjacente à educação formal do eu e não a meios educacionais específicos como se poderia pensar. E acrescenta acerca da individuação: faz-se necessário se opor ao anti-individualismo que dominou a pedagogia alemã por muito tempo, o que é uma tarefa difícil, porque existem poucas possibilidades sociais de individuação, já que os processos de trabalho não exigem mais as propriedades especificamente individuais.

Atentando ao cuidado que se deve ter ao considerar as mudanças no processo de trabalho, Becker afirma que estas recolocam novas medidas de comportamento individual. Contínuas mudanças no processo de trabalho exigem determinadas disposições individuais novas e uma educação voltada para a resistência e para o controle das mudanças. Esta educação vai conferir um novo significado ao indivíduo, contrário à pedagogia tradicional na qual o individual era pensado como fixo.

Adorno acredita que a sociedade está voltada para uma atitude colaboracionista, dentro de uma não individuação, o que proporciona o enfraquecimento do eu. Também é problemático que o indivíduo passe a insistir somente nos seus próprios interesses, resultante de uma atitude individualizada. Desta forma, a individualidade não é algo dado, ela deve se formar no processo da experiência, designado por Hegel e Goethe como “alienação”, ou seja, na experiência do outro, ou do “não-eu”. Temos, portanto, uma situação paradoxal: ao mesmo tempo que uma educação sem indivíduos é repressiva, cultivar indivíduos da mesma forma que se cultiva plantas seria ideológico. Então, a única possibilidade é tornar isso consciente na educação, num processo que confron-

ta a “consciência desleixada”, ou seja, o indivíduo só sobrevive enquanto impulsionador da resistência.

Mesmo não sendo possível a harmonia entre o homem formado em si mesmo e o homem na sua função social, Becker acredita na resistência às tensões existentes entre a pessoa na sua individualidade e a pessoa na sociedade, da mesma forma que se deve resistir às tensões entre teoria e prática.

Para Adorno esta harmonia não é realizável no mundo em que vivemos, portanto, a tarefa da educação é a de tornar esta ruptura consciente.

A educação contra a barbárie

Seguem as idéias principais de mais um debate realizado na Rádio de Hessen, transmitido em 26 de setembro de 1966 e publicado em *Neue Sammlung*, em janeiro/fevereiro de 1967.

Adorno dá início dizendo que discutir sobre este tema tornou-se algo urgente para impedir, reordenando os objetivos da educação, o impulso de destruição, a barbárie, que ameaça a civilização. A causa dessa barbárie é a grande distância existente entre o alto desenvolvimento tecnológico e as pessoas em relação a sua própria civilização.

Becker alerta que há necessidade de caracterizar mais precisamente, até como prevenção, o que é barbárie e de onde ela surge, para saber como a educação pode interferir nesse fenômeno. Diante disso, faz a indagação: uma pessoa não motivada à capacidade de agressão constitui em si um produto almejavél da sociedade?

“A tentativa de superar a barbárie é decisiva para sobrevivência da humanidade”, afirma Adorno. Respondendo a indagação de Becker (considerando-a uma obviedade), afirma que as condições educacionais vigentes, citando o caso da Alemanha, onde as pessoas assumem compromissos e têm de se adaptar ao sistema, não contribuem para acabar com o problema da desbarbarização.

O perigo da desbarbarização, para Becker, talvez não exista só na Alemanha, mas no mundo inteiro, apesar da forma pedagógica de orientação idealista ser tipicamente alemã neste contexto. O combate desse fenômeno, segundo Becker, passa por entender seus fatores psicológicos básicos, objetivos.

Concordando com Becker, Adorno acrescenta: “entendo por fatores objetivos neste caso os momentos sociais que, independentemente da alma individual dos homens singulares, geram algo como a barbárie” (p.156). Prefere discutir o caso da Alemanha por ter sido a mais horrível explosão de barbárie e por estar próxima de sua experiência.

O exemplo alemão, segundo Becker, pode ser o ponto de partida, mas ratifica sua opinião de que o fenômeno é geral. Da vontade consciente, pode-se gerar fatos que provocam a barbárie de forma indireta, sempre que se indaga o que é possível à educação.

Para Adorno, pode acontecer o contrário, pois o simples fato de a questão da barbárie estar no centro da consciência provocaria por si uma mudança. Não nega que elementos de barbárie estejam no conceito de educação e, fazendo referência a Freud,

afirma que momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas desses contextos culturais.

Becker argumenta dizendo que ênfase à desbarbarização serviria à realização do lema “a calma é a obrigação primordial da cidadania”. Pensa que o importante é determinar o conteúdo preciso desse fenômeno, diante das exigências ingênuas de tolerância e calma.

Adorno concorda com Becker, mas torna procedente a proposição de Strindberg: “como eu poderia amar o bem, se não odiasse o mal?” Argumentando com base na psicologia freudiana, salienta os chamados instintos de agressão como condutores de tendências produtivas, pois na luta contra a barbárie existe um momento de revolta, bárbaro. Todos estamos sujeitos a traços de barbárie, já que pertencemos ao mesmo contexto de culpabilidade do próprio sistema e orientar esses traços para evitar a desgraça, é fundamental.

Colocando uma questão que considera precisa, Becker cita o exemplo da revolta dos jovens de Bremen com relação aos aumentos tarifários, quando um político afirmou que foi uma forma bárbara de manifestação dos jovens e, portanto, um demonstrativo da falência da formação política, uma intervenção bárbara.

Considerando demagógica a colocação, Adorno afirma que os jovens, com essa atitude, puderam demonstrar que não permitiram que lhes fosse retirada a espontaneidade, que não se converteram em obedientes instrumentos da ordem vigente. A barbárie está na mutilação da essência das pessoas pelos poderes estabelecidos. Portanto, para Adorno esses jovens chegaram muito perto do ideal de educação almejado por ele.

A posição de Adorno com relação à barbárie tem outro sentido para Becker, pois entende que a violência é um sintoma de barbárie, mas que não precisa necessariamente sê-lo. Critica a diferença entre violência contra os homens e violência contra as coisas, que é feita com frequência. Também faz críticas à distinção que é feita entre violência praticada e ameaçada. Para ele, a barbárie não pode ser avaliada a partir da graduação da ausência efetiva ou aparente da violência.

Não é do agrado de Adorno definir barbárie, mas sente-se forçado a isso. A regressão à violência física primitiva, onde não existe uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade se configura como barbárie. Por outro lado, a violência não é barbárie quando acontece em contextos transparentes para a geração de condições humanas dignas, como é o caso da rebelião estudantil que é uma maneira refletida de agir politicamente, mesmo que esta reflexão seja correta ou equivocada.

Sendo assim, o uso de armas nucleares, com base numa reflexão racional, não seria um ato bárbaro, conclui Becker. Adorno esclarece sua posição, dizendo que se referiu a reflexões sobre fins transparentes e humanos, e não à reflexões em abstrato. Não sendo assim, a reflexão pode servir tanto à dominação cega como ao seu oposto.

Becker levanta então a questão de como educar os jovens para que efetivamente apliquem essas reflexões a objetivos humanos, uma vez que a educação promovida nas escolas impulsiona para a competição, o que pode representar um elemento para a barbárie. Haveria a necessidade de romper, portanto, com esses princípios pedagógicos.

Adorno está de acordo que deva haver ruptura com princípios pedagógicos contrários à educação humana. O importante é refletir acerca das debilidades do que a gente faz, das suas próprias exigências, com o objetivo de superar representações infantis. Referindo-se à competição como uma mitologia do sistema educacional, afirma que esta necessita de uma análise científica séria.

Para Becker a idéia de não competição deveria ser estendida também ao esporte, pois este deveria assumir função lúdica, diminuindo o peso primitivo da competitividade.

O desempenho máximo no esporte é uma inflexão particularmente humana, assegura Adorno. Diante dessa afirmação, Becker conclui que se pode defender a tese de que é preciso preparar-se pela competição na escola para uma sociedade competitiva. No entanto, acredita que a escola deve dotar as pessoas de um modo como se relacionar com as coisas, o que ajudaria na desbarbarização, pois possibilitaria a seleção de coisas de forma mais ampla. A competição perturba essa relação com as coisas, dificultando a escolha.

Reportando-se à psicologia de Freud sobre a tendência à barbárie, Adorno afirma que, por intermédio da cultura, as pessoas continuamente experimentam fracassos, desenvolvendo sentimentos de culpa subjacentes que acabam se traduzindo em agressão. Isto deveria ser levado em conta pela educação, ao invés de substituir as conclusões de Freud por pseudo-profundidade de conhecimentos de terceira mão.

Além disso, a falência da cultura é uma razão objetiva da barbárie. A cultura dividiu os homens em trabalho físico e intelectual, tirando a confiança do homem sobre si mesmo e na própria cultura. Como consequência à falência da cultura, que não cumprindo seu papel com relação a uma situação pacífica na natureza, são levados à consciência das pessoas a perpetuação socialmente impositiva da barbárie e mecanismos de deslocamento, como a raiva de si mesmas. Para ele, esta é uma situação que não se pode mudar facilmente, pode-se no entanto gerar um clima propício a uma transformação, através do esclarecimento. A passividade inofensiva é uma forma de barbárie, pois conduz à contemplação do horror e à omissão.

As colocações de Adorno são pertinentes a Becker, mas afirma que é preciso se proteger de equívocos. Para isso, faz referência às propostas de Konrad Lorenz, quando fala da necessidade de abrir novos campos às agressões dos homens, a fim de que se possa preservar a paz mundial. "Esta recomendação de agressão de alívio é muito perigosa", finaliza.

Este modo de pensar tem certa razão de darwinismo social para Adorno, porque existe certa tendência a reduzir o homem ao estado de seres naturais. Seu desejo é o de que o sistema educacional se torne o meio pelo qual as pessoas criem aversão à violência física.

Becker, demonstrando-se cuidadoso à palavra aversão, leva Adorno a contra-argumentar mostrando a necessidade sutil da violência em certas situações que são exceções, e, antes de falar desta dialética, onde a antibarbárie requer a barbárie, diz que é preciso despertar nas pessoas a vergonha acerca da rudeza existente no princípio da cultura.

Mostra-se Becker mais inclinado à palavra "vergonha" do que à "aversão", pois, como se constata na literatura, a vergonha conduz a luta contra a barbárie por meio

de uma forma de descrição da barbárie, que pode ser apreciada. Para ele, a educação, o desenvolvimento, deve acontecer desde a pré-escola, onde se verificam adequações e adaptações sociais decisivas e definitivas. Por isso é preciso deixar as agressões se expressarem nesta idade e iniciar a sua elaboração. Porém, esse problema para o educador é ainda difícil de enfrentar, pela pouca formação.

Neste sentido, quando se conhece psicologia, isto se torna óbvio, assegura Adorno. A perpetuação da barbárie na educação e na própria cultura é mediada pelo princípio da autoridade. Referindo-se à tolerância frente às agressões, mencionada por Becker, afirma que esta pressupõe renúncia ao comportamento autoritário e à formação de um superego rigoroso, estável e ao mesmo tempo exteriorizado. A desbarbarização requer a dissolução de qualquer tipo de autoridade não esclarecida e o direito de punição ainda é uma realidade na Alemanha.

Reportando-se à autoridade esclarecida formulada por Adorno, Becker diz que esta não substitui a autoridade pelo esclarecimento, já que a primeira infância necessita manifestações de autoridade. Manifestações de autoridade conscientes, sem violência, transparentes, contribuem para a desbarbarização, completa Adorno. No entanto, a criança não pode ser submetida à violência e à insegurança total, pois estas não a orientam, adverte Becker.

O importante, finaliza Adorno, é a superação do tabu da diferenciação, da intelectualização, da espiritualidade que vigora em nome da criança saudável e espontânea, a fim de que, no processo educacional, as pessoas sintam aquela vergonha, considerada de importância por ele e por Becker.

Educação e emancipação

Esta é a síntese de outro debate travado entre Becker e Adorno na Rádio de Hessen, transmitido em 13 de agosto de 1969.

Adorno, dando início ao debate, afirma: "a exigência da emancipação parece ser evidente numa democracia". Remetendo-se a Kant, complementa que o "esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade" e deixa claro que a democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular; para que isto, aconteça é preciso aptidão e coragem em se servir de seu próprio conhecimento, e isto é emancipação.

Para Becker está claro que, na Alemanha Federal, todos não são educados para a emancipação, pois a situação da estruturação tríplice da educação (escolas para os altamente dotados, escola para os mediantemente dotados e escola para os desprovidos de talentos) determina uma menoridade inicial. Portanto, a superação do conceito de falso talento só será superada por meio do esclarecimento, e isto trará a emancipação. Segundo psicólogos e sociólogos, não se conferem talentos, desenvolvem-se. Portanto, "aprender por intermédio da motivação", possibilita de forma particular o desenvolvimento da emancipação. Acabar com as barreiras classistas das crianças e motivar o aprendizado em direção de uma oferta diversificada, conduziria à emancipação, não com uma escola para todos, mas emancipação pela demolição da estrutura vigente, em mundo particularmente determinado a dirigi-lo heteronomamente.

Segundo Adorno, as ciências em muitas áreas é castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle, a questão do talento, à qual Becker faz referência, não tem validade. Se o talento se faz na relação com a linguagem, na capacidade de se expressar, nas experiências próprias de cada um e principalmente em função das condições sociais, ele está condenado, desde cedo, pela ausência de liberdade na sociedade e portanto não é pressuposto de emancipação.

Acrescentando, referindo-se as pesquisas de Basil Bernstein, Becker diz que, já no início da socialização, isto é, na infância, podem-se colocar condições que impliquem a ausência de emancipação durante toda a vida.

A pedagogia, em toda sua história, nunca tomou posição pela educação para a emancipação, ao contrário, encontra-se conceitos de autoridade, de compromisso, sabotando o conceito de emancipação e dirigindo-se contra os pressupostos de uma democracia, argumenta Adorno.

Ainda com relação à emancipação, Becker cita o exemplo da União Soviética, que, mesmo realizando a transformação das relações de produção, pouco mudou em termos de educação para a emancipação, fazendo predominar um estilo autoritário e não emancipatório. Acredita, desta forma, que é uma tendência mundial, embora o esclarecimento já vigore há tempos. No entanto, contesta Adorno no seu conceito de autoridade, questionando se seria correto considerar a autonomia como conceito oposto à autoridade.

No entanto, autoridade é um conceito psicossocial, adquirindo seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta. Refere-se a autoridade de forma mais específica, aquela existente no processo de socialização na primeira infância, ponto de confluências sociais, pedagógicas e psicológicas. Nos convertemos num ser humano autônomo, emancipado, através do processo que Freud denominou como o desenvolvimento normal, pelo qual a criança se identifica com a figura do pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, para então, através de um processo dolorido e marcante, constatar que este pai não corresponde ao eu ideal e isto a libertará, emancipando-a. Adorno coloca o momento da autoridade pressuposto como um momento genético pelo processo da emancipação, no entanto ele não deve ser considerado além desse período, a fim de não causar nenhuma mutilação psicológica.

O processo de rompimento com a autoridade é necessário e a descoberta da identidade só acontece no encontro com a autoridade, acredita Becker. Existe uma complexidade na elaboração de uma estrutura educacional, pois o professor, ao mesmo tempo em que é necessário, deve estar certo dos limites da sua tarefa, a partir dos quais se torna supérfluo. Isto se torna difícil, já que o professor tende a tomar atitudes autoritárias, fazendo com que os alunos se afastem dele, criando um processo de emancipação ilusória e manipulada.

Concordando com Becker, Adorno acrescenta a característica heteronômica da sociedade, conforme a qual, as pessoas aceitam, sem muita resistência, aquilo que lhes é inculcado pelas forças dominantes, gerando uma identificação com o padrão social e não com si mesmas. O superego quando autoritário, repressor não gera identificação interiorizada, o que se constitui num mecanismo gerador da menoridade.

O comportamento autônomo, diz Becker, é difícil de ser transmitido principalmente na formação profissional. Na orientação do profissional, este deveria receber uma

outra dimensão do pensamento, aprender, por exemplo, outra língua, mesmo que esta não lhe seja necessária. Desenvolve-se, assim, um outro plano de experiências, combinando a preparação imediata com o horizonte de orientação, o que é muito importante no sentido de traduzir a possibilidade de emancipação em situações formativas concretas.

Mas a emancipação deve estar combinada com uma certa firmeza do eu, que se evidencia, por exemplo, na solidez profissional, confirma Adorno.

Porém, Becker chama a atenção para a “dialética do esclarecimento”: existindo uma firmeza do eu corre-se o risco de uma fraqueza do eu, e isto deve ser levado em consideração. Para ele, o importante é a substituição dos cânones educacionais estabelecidos por ofertas disciplinares diversificadas, caracterizando uma escola de ampla diferenciação eletiva. Os “jogos de emancipação” devem levar o aluno a participar da administração da escola, definindo individualmente ou em grupo seu próprio programa de estudo e a seleção de sua programação de disciplinas, motivando-o não só para os estudos, mas estar atento aos resultados de suas decisões na escola.

Nesse sentido, não se deve pensar no âmbito exclusivamente institucional. A concretização efetiva da emancipação vai na direção de uma educação para a contradição e para a resistência. Se faz necessária a crítica da realidade que nos rodeia, para despertar a consciência, pois a ausência da emancipação está na falta de esclarecimento do que é posto na sociedade, pois nos é vendido, a todos os momentos pela estrutura vigente, a imagem de um “mundo feliz.”

Concluindo sua fala, diz Becker, mesmo que tudo o que foi ilustrado se concretize efetivamente, permaneceria a possibilidade de, mesmo formando um sujeito esclarecido e criticamente consciente, este continuar teleguiado de determinada maneira em seu comportamento, não sendo tão autônomo e emancipado como se imaginava. Isso não contraria o que foi discutido, somente alerta para um provável otimismo exacerbado.

Adorno também visualiza este risco e acrescenta que a sociedade mantém o homem não emancipado e resiste a qualquer tentativa de se conduzir à emancipação. A vontade de construir uma sociedade emancipada é considerada, na maioria das vezes, como utópica. Adorno sugere a todos que a transformação só será possível se convertermos nosso sentimento de impotência naquilo que pensamos e talvez naquilo que fazemos.

Considerações finais

A sociedade como um prolongamento da natureza ameaçadora, enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo como uma autoconservação conseqüente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza. A ciência é repetição, aprimorada como regularidade observada e conservada em estereótipos. A fórmula matemática é uma regressão conscientemente manipulada, como já o era o rito mágico; é a mais sublime modalidade do mimetismo. A técnica efetua a adaptação ao inanimado a serviço da autoconservação, não mais como a magia, através da imitação corporal da natureza externa, mas através da automatização dos processos espirituais, isto é, através de sua transformação em processos cegos. Com seu triunfo, as manifestações

humanas tornam-se ao mesmo tempo controláveis e compulsivas. Da assimilação à natureza resta apenas o enrijecimento contra ela. (Adorno, Theodor W. & Horkheimer, Max, 1991:169)

Parece-nos pertinente analisar e explicar as reflexões feitas por Adorno em Educação e Emancipação, em torno das questões levantadas em Auschwitz, usando a passagem de seu próprio livro e de Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, pois parece clarear sua posição frente à barbárie que conduz à regressão. A consciência pelo esclarecimento, possibilitado por uma educação capaz de criar condições para a auto-reflexão crítica, libertaria as pessoas do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. Através do esclarecimento, Adorno acredita que as pessoas se libertariam dessas forças dominantes por meio de um processo de racionalização através da reflexão e do conhecimento. Só o esclarecimento crítico e reflexivo possibilitará um indivíduo emancipado.

Fazendo referência a Freud acerca do *mal-estar na cultura*, diz que esta foi além do que ele supunha, multiplicando-se em escala insuportável, e esta violência exacerbada desintegra, gerando medos e falta de resistência caracterizada pela ausência de reflexão e da capacidade de diferenciar, produzindo um sujeito dominado, que ouve vozes, ao invés de ouvir a voz da consciência moral.

Quando fala da importância da educação infantil, reportando-se à psicanálise, dá ênfase à profundidade dessas experiências vivenciadas de forma espontânea, num âmbito familiar e numa posterior conscientização através do conhecimento do ensino formal que impulsiona o sujeito para a emancipação. Entretanto, para ele a pedagogia, em toda sua história, nunca tomou posição pela educação para a emancipação, ao contrário, encontram-se conceitos de autoridade, de compromisso, sabotando o conceito de emancipação.

Diante disso, podemos destacar as idéias de Canivez, no seu livro *Educar o Cidadão?*:

Ao inculcar em alguns o sentido de dignidade social e cultural, em outros o de inferioridade, a escola garante uma ordem social firmada na dominação dos primeiros sobre os outros. Ela não firma a comunidade sobre a partilha de valores comuns, mas consolida uma hierarquia social e política, impondo-a como um valor. (1999:62)

Parece que ambos concordam que se faz urgente o resgate de certos valores e princípios universais, levando em conta as diferenças e especificidades, mas isto só será possível através da conscientização ou desmistificação de mitos, denunciando uma crença encarnada no real pela reflexão crítica e pelo conhecimento esclarecedor. Ambos parecem também dar ênfase à importância de uma comunidade política estar fundada na reflexão, propiciadora da identidade, da participação, elemento central de uma democracia. Para isso, o indivíduo deve ser educado sem perder a essência de sua autonomia.

A violência, infelizmente presente na nossa sociedade e constatada através da distância entre desenvolvimento tecnológico e as pessoas em relação a sua própria civilização, cada vez mais desorienta. Faz-se necessário a reordenação dos objetivos da educação. Podemos fazer referência novamente às palavras de Canivez, quando fala de cidadania:

Toda comunidade política é, por definição fundada na discussão. Sua existência repousa em um único consenso no sentido estrito: a recusa da violência como modo de solução

dos conflitos. Para o resto jamais há unanimidade. As divergências são regulares e é por isso que se discute: a política é a substituição da guerra pela polêmica, das meras relações de força pela busca de acordo." (1999: 163)

Quando se reporta a Auschwitz, Adorno fala da severidade da educação tradicional, baseada na força e voltada à disciplina, que manipula, tira emoções, enquadrando cegamente e isto não conduz um indivíduo a pensar e agir com autonomia. Este tipo de educação, ele repudia, abomina, porque desumaniza, aliena, não esclarece para a emancipação transformadora da sociedade.

Parece que Auschwitz significa o que se deseja mudar na educação, pois foi o começo, o princípio que ainda não despertou na consciência, não foi identificado, não foi bem refletido, esclarecido e por isso não está podendo ser superado.

Pode-se concluir que, para Adorno, Auschwitz é como se fosse nossa primeira infância, e que neste caso foi dolorida, impregnada de princípios castradores. Se a educação possibilitar a conscientização deste período o impulso de vida predominará sobre o de morte. Caso contrário o sujeito poderá ser futuramente uma massa amorfa. No entanto, o processo é complexo, contraditório. O importante é possibilitar a identidade, a transparência da essência.

Adorno, assim como Hegel, é idealista, e levanta a questão da educação voltada para a necessidade de uma conscientização e posterior emancipação do indivíduo. Isto acontece pela reflexão, num movimento que conduza à transformação. Para ele, o objetivo (a matéria) tem origem no subjetivo (no espírito). É um tornar-se e, ao mesmo tempo, uma síntese e a sua contradição. Parece que para Adorno assim como para Hegel, tudo está sujeito a uma realização dinâmica, dialética e interna. A educação deveria impulsionar o sujeito a sua auto-realização, para a transformação contínua e progressiva, em espiral. Tudo parte do ser até atingir o saber total. É importante tornar a realidade racional até saber-se de si mesmo. O saber pressupõe o eu, o afeto, a emoção, mas, para isso, há necessidade da contradição, porque o processo é dialético. A unidade advém da oposição e do encontro entre a tese e a antítese. Hegel está em Adorno na idéia de que o movimento dialético se processa em busca da liberdade, considerando que educar só para emancipar.

Becker concorda em muitos pontos com Adorno, como o de formar sujeitos emancipados e conscientes da realidade. No entanto, acrescenta possibilidades de efetivar este ideal de educação em termos de práticas educacionais. Parece que Becker parte do objetivo (matéria) para o subjetivo (espírito). Pode-se concluir que as colocações de ambos são semelhantes na maior parte do debate, mas o que realmente se constata é uma sutileza contraditória, pois verifica-se que o ponto de partida de cada um é distinto. Parece que, para Becker, assim com para Marx, a personalidade, as crenças e as atividades são moldadas pelas instituições. As pessoas se tornarão capazes de dominar, reconhecendo as forças dominantes e isto se dá através da ação revolucionária.

Quando Becker fala da importância do ensino formal sobre o informal para minimizar as diferenças sociais determinantes no início da educação sistematizada e dos talentos a serem desenvolvidos, vêm-nos à mente, as idéias de Marx, que para as pessoas se tornarem verdadeiramente livres, os meios de produção deveriam pertencer à comunidade como um todo. Com a igualdade econômica e social daí resultante,

todas as pessoas teriam uma oportunidade para seguir suas próprias inclinações e empregar criativamente o seu tempo de lazer.

Diante disso, permanece a pergunta, pois a discussão, com a experiência na realidade, ainda necessita continuar com o objetivo de que, através da reflexão, sejam apontadas soluções que atendam o que se deseja para uma educação necessária, que transforme a história, humanizando a civilização: *Educação – para quê?*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento – fragmento filosóficos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?**. Campinas: Papirus, 1991.